

CRIAÇÃO & CRÍTICA

Nº39

O HORROR DA DEPENDÊNCIA E A LITERATURA GÓTICA LATINO-AMERICANA ENQUANTO CRÍTICA SOCIAL EM SABOROSO CADÁVER DE AGUSTINA BAZTERRICA

Yasmin Pereira Yonekura¹

Resumo: Esse artigo buscará investigar a construção narrativa de Agustina Bazterrica no livro *Saboroso Cadáver*, onde a distopia de um mundo pós-pandêmico leva uma sociedade a extremos de desumanização e crueldade. Buscar-se-á explorar a existência de um gótico latino-americano contemporâneo continental e argentino enquanto crítica social, que nos guia para ter um olhar alerta sobre as possibilidades e os horrores da natureza humana, especialmente num espaço territorial profundamente marcado pela violência da colonização, também conectando a ideia da literatura gótica latino-americana as ideias da teoria da dependência latino-americana.

Palavras-chave: Literatura. Horror. Gótico. Latino-Americano.

THE HORROR OF DEPENDENCE AND LATIN AMERICAN GOTHIC LITERATURE AS SOCIAL CRITICISM IN AGUSTINA BAZTERRICA'S TENDER IS THE FLESH

Abstract: This research will investigate the narrative construction of Agustina Bazterrica's *Tender is the Flesh*. In the book, the reality is one of a dystopian post-pandemic world, which

¹ Possui graduação em Letras - Licenciatura Plena em Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Pará (2014), onde também atuou como bolsista, pelo Departamento de Língua e Literatura (DLLT), no programa de Monitoria. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Estudos Culturais. Foi pós-graduanda e bolsista CAPES no Mestrado do Programa de Pós Graduação em Inglês, na Universidade Federal de Santa Catarina, de março de 2015 até agosto de 2017. No mês de agosto de 2017, defendeu a dissertação e obteve o título de mestrado em Estudos Linguísticos e Literários pelo Programa de Pós Graduação em Inglês da Universidade Federal de Santa Catarina. No ano de 2021, tornou-se doutora após defender sua tese no Programa de Pós-Graduação anteriormente referido, sob orientação da professora doutora Alessandra Brandão. Atualmente, trabalha como professora adjunta do curso de Letras/Língua Inglesa da Universidade Federal do Pará, campus de Cametá. Líder de pesquisa dos grupos Estudos Críticos da Linguagem na Amazônia e Gótico e Fantástico e suas Interfaces na Literatura e Cultura, ambos criados em 2023. Contato: yasmimdeschain@gmail.com

has lead a society to extremes of dehumanization and cruelty, naturalizing cannibalism. We will also explore the existence of a contemporary Latin American and Argentinean Gothic as a social critique, which guides us to have an alert comprehension of the world in regard of the possibilities and horrors of human nature, especially in a territorial space deeply marked by the violence of colonization. We will also connect Latin American gothic horror literature to the Underdevelopment Marxist Theory.

Keywords: Literature. Horror. Gothic. Latin American.

1. INTRODUÇÃO

A Literatura é central para retratar as diferentes realidades sociais e tecer uma crítica que pode nos mobilizar no sentido de reconstruir futuros coletivos. Assim, quando posicionada juntamente ao Horror, transforma-se num veículo potente de materializações de diferentes possibilidades e assume também papel político. De tal forma, a tradição literária do Gótico² tem em sua história o potente histórico de transformar a combinação entre Literatura e o Horror como meios de crítica social.

De acordo com Edwards e Botting (1996), o Gótico é uma escrita de excessos. Nela, estão o “negativo, irracional, imoral e fantástico”. O autor também afirma que o Gótico está ocupado com investigar as ansiedades relacionadas às limitações sociais e tem um fascínio pela transgressão. Ele pontua que a incerteza sobre a natureza do poder, lei, sociedade, família e sexualidade dominam a ficção gótica.

A partir das postulações dos autores, podemos perceber o Gótico como uma literatura que abraça o horror e suas dimensões psicoemocionais, estruturais e sociais dentro das produções de ficção, construindo reflexão e problematização a partir dessas circunstâncias e possibilidades. Enfatizar o compromisso e o vínculo do Gótico

² Entende-se aqui a perspectiva de Horror como parte da expressão lírica e artística do Gótico enquanto movimento cultural e social multimidiático e multiartístico, como proposto por Daniel Serravalle de Sá (2010, p. 9)

com essas dimensões do horror e da literatura é importante para pensarmos sobre as origens sociais e históricas desse estilo/movimento literário, antes de entrarmos nas especificidades relacionadas ao Gótico em territórios não-europeus e a obra que esse artigo se propõe a investigar.

Hogle (2006) propõe que o Gótico, e a literatura relacionada a este, tornou-se um conjunto de características comuns ao invés de um gênero literário fechado em si. A partir de sua escrita, o acadêmico posiciona o Gótico como um poderoso indicador simbólico das contradições pelas quais passou e continua passando o Ocidente (Hogle, 2006). A partir disso, pontua-se que esta tradição literária europeia cresceu e ramificou-se de forma complexa e intrincada, cujos arcabouços de medo e terror revelam-nos nossas complexidades interiores e as mudanças estruturais da sociedade ocidental (e territórios por ela influenciados).

Porquanto a essa ramificação no que tange o território latino-americano e americano, Edwards e Botting (1996) afirmam que o Gótico sofreu um processo de tropicalização e transnacionalização, ou seja, o gótico foi antropofagizado nos territórios latino-americanos para despir-se um pouco de si mesmo e vestir-se de outras identidades e epistemologias étnico-sociais. Esses processos têm um viés político, visto que foram formas de resistências a discursos e representações externas, principalmente vindos daqueles sujeitos e instituições associados aos países que foram agentes do violento processo colonizatório nesses territórios. Na próxima seção do texto, aprofundaremos a perspectiva da revisão de literatura do gótico latino-americano no contexto da Argentina e seus desdobramentos críticos, para então enveredarmos pela análise de narrativa da autora Agustina Bazterrica e por fim análise de narrativa com a obra *Saboroso Cadáver*.

2. REVISÃO DE LITERATURA: O GÓTICO LATINO AMERICANO E O CONTEXTO LITERÁRIO ARGENTINO

criação & crítica

Nº39

Aprofundando a discussão sobre o Gótico e a existência de uma literatura gótica latino-americana (que compreende em si o horror expresso de múltiplas formas), temos Casanova-Vizcaíno e Ordiz (2018, p. 1) trazendo a discussão da hesitação em aceitar o termo “gótico” (ou qualquer um que lhe seja próximo) por parte da crítica literária no subcontinental. Essa resistência vem por muitos motivos, dentre eles as nomenclaturas específicas para certos tipos de literatura fantástica na América Latina (como ‘realismo mágico’, por exemplo), mas também pela natureza estrangeira e alienígena do termo gótico, relacionado não só a países que são nativos da língua inglesa - como os Estados Unidos da América e a Inglaterra -, mas que também desempenham um papel imperialista e de imposição cultural. Assim, a resistência a ideia do Gótico enquanto palavra para descrição de movimentos literários no subcontinental relaciona-se com a negação do uso de uma palavra e um conceito estrangeiro para a definição de expressões artísticas próprias de um subcontinental atravessado brutalmente por diferentes processos de dominação que existem até os dias de hoje.

Os autores alegam, porém, que a divisão binária entre o realismo fantástico sendo inerentemente latino-americano e o gótico estando relacionado a ontologia civilizacional da modernidade europeia configura uma visão simplista que não explica a realidade da literatura latino-americana contemporânea (Casanova-Vizcaíno, Ordiz, 2018). Isso também é sustentado pelo fato de que o realismo fantástico se expandiu para além da América Latina, tornando-se presente em produções literárias mundo afora (idem, 2018, p. 7).

Casanova-Vizcaíno e Ordiz (2018) então baseiam-se na perspectiva de Botting and Edwards a partir do que eles designam como *Globalgothic* (ou góticoglobal³); que aponta pela globalização do gótico a partir das expressões culturais múltiplas que dele se apropriaram e das relações geopolíticas de imperialismo cultural que foram

³ Tradução feita pela autora.

criação & crítica

Nº39

atravessadas por processos de resistência como a “tropicalização” e a transnacionalização, anteriormente mencionados aqui. Assim, o góticoglobal permite-nos pensar também num Gótico Latino-Americano para ampliar as abordagens literárias e possibilidades criativas para além do realismo fantástico.

Além das dimensões críticas, os autores apresentam a dimensão geopolítica da importância de situar o Gótico Latino-Americano como uma simbólica expressão de diversas dimensões da formação sócio-histórica desse território;

(...) o gótico na América Latina está muito enraizado nas realidades e histórias locais, e muitas vezes ligado a diferentes processos de modernização. Estas incluem a colonização e ocupação da região pela Europa ou pelos Estados Unidos; a formação dos novos Estados-nação após as guerras de independência; e o colapso, o fracasso, o esgotamento e a ausência de projetos nacionais que levam à violência, à desigualdade e à exclusão. (Casanova-Vizcaíno, Ordiz, 2018).

Assim, os autores situam a importância de pensar o Gótico Latino-Americano como parte do góticoglobal por possibilitar a leitura das identidades locais através de uma expressão contemporânea. Eles propõem que o Gótico Latino-Americano seja usado como uma forma de exaltar as identidades locais e regionalismos da América Latina ao invés de ser pautado como uma forma de sufocá-las em detrimento de uma visão europeia de literatura.

Metodologicamente, essa pesquisa se valerá da investigação bibliográfica concomitante à análise de construção da narrativa. Entrar-se-á em detalhes na próxima parte do texto, onde vamos explorar em detalhes a ideia de um Gótico Latino-Americano na Argentina, país de origem da autora Agustina Bazterrica, cuja obra *Saboroso Cadáver*, será investigada na terceira parte do texto, em consonância com a perspectiva teórica da dependência latino-americana proposta por autores marxistas

do campo da economia latino-americana e a crítica social através da literatura de horror.

2.1. O Gótico Latino-Americano na Argentina, o Horror da Dependência e a Crítica Social

O Gótico Latino-Americano dentro do contexto da Argentina está profundamente ligado ao passado recente da mesma, com a ditadura empresarial-militar (1976-1983) tendo deixado o país com aproximadamente 40.000 desaparecidos (Jardim, Markendof, 2023). Essa memória histórica recente no país pulsa; é “um passado aberto como uma ferida” (Arfuch, 2013 apud Jardim, Markendof 2023). Esse trauma coletivo da nação marca de maneira intensa e profunda a produção literária que podemos associar com o Gótico e o horror e vê-se que ele ‘assombra’ as temáticas de diversas autoras e muitos autores, dentre eles destacam-se Mariana Enriquez e Silvina Ocampo.

Santos (2019) ajuda-nos a compreender as especificidades da Literatura Gótica na Argentina;

Além disso, o terror argentino é um gênero que se mistura com outros gêneros como o terror gótico e com foco na política e em uma história de repressão estatal (Ansolabehere e Torre, 2012). Para melhor compreender a realidade do terror “fictício” argentino é preciso compreender a forma como a última ditadura concebeu e utilizou o medo como arma psicológica contra os seus adversários políticos. Lembremos que este foi um período do terrorismo de Estado marcado por esquadrões da morte e tortura de “guerrilheiros”, seus simpatizantes bem como membros da oposição política e social. É também um momento em que as crianças foram separados de suas

CRIAÇÃO & CRÍTICA

Nº39

mães “subversivas” presas e adotados secretamente para “boas” famílias militares.(Santos, 2019, p. 4)

A autora nos mostra como o passado recente do país define a maneira como uma literatura de horror é explorada e definida nesse contexto tão marcado por uma violência profunda que emanava principalmente do aparelho estatal do país. Além dos desaparecidos, destaca-se o terror no âmbito psicológico e a morte e tortura de qualquer um que fosse (ou parecesse estar) desalinhado às ideias favorecidas pela ditadura do país. Nos contextos de países latino-americanos que passaram pela experiência de governos militares totalitários - como a Argentina e o Brasil -, essa violência repressora chancelada e promovida pelo Estado causa um senso de banalização da vida e dos direitos humanos básicos, o que tem implicações no cenário político contemporâneo desses países. Podemos definir, então, algumas características básicas do Gótico Argentino: a associação entre o horror e a política, repressão social, naturalização da violência estatal e desumanização de certos grupos. Todas essas características são importantes para entendermos a obra de Bazterrica, que não lida com o passado de seu país, mas pensa um futuro igualmente perturbador, em uma distopia assustadora.

Porém, antes de entrarmos com detalhes na obra e nos detalhes sobre sua criadora, precisamos delinear o conceito de dependência latino-americana e elaborar o que estamos chamando nessa pesquisa de “Horror da Dependência”, além de relacioná-lo à ditadura argentina e à distopia de Bazterrica.

A Teoria da Dependência Latino-Americana surgiu como resposta a Teoria do Desenvolvimento, que acreditava no desenvolvimento sócio-econômico como um *continuum* no qual todos os países poderiam eventualmente gozar de condições igualitárias de existência material (Duarte, Graciolli, 2007). Após perceberem limitações nessa teoria, vários pesquisadores propuseram uma nova interpretação da realidade latino-americana e suas dificuldades, criando assim a Teoria da Dependência Latino-Americana, tendo duas correntes principais: A weberiana e a

CRIAÇÃO & CRÍTICA

Nº39

marxista (idem, 2007). A versão weberiana tem seus principais expoentes Cardoso e Faletto, que propunham o desenvolvimento como parte de um processo social no capitalismo, relacionando-se com fatores estruturais, internos, externos (idem, 2007, p. 5). Também destaca-se que a solução proposta pelos autores seria a abertura ao capital externo e redistribuição de renda.

Considerando ainda limitada essa perspectiva, partimos para a versão marxista da Teoria da Dependência, fortemente influenciada pela Revolução Cubana e pelo entrelaçamento das economias do subcontinente ao capital estrangeiro (idem, 2007, p. 5). Essas duas ideias foram base para a perspectiva de Ruy Mauro Marini interpretar a “compreensão do processo de formação sócio-econômico na América Latina a partir de sua integração subordinada à economia capitalista mundial.” (idem, 2007, p. 6). Isso implica relações de subordinação, onde o desenvolvimento/subdesenvolvimento estão entrelaçados; para alguns se desenvolverem, outros têm que permanecer subdesenvolvidos. Essa dinâmica gera vários outros substratos de submissão; a relação de metrópole-colônia, financeiro-industrial e tecnológico-financeira, além um controle - dos países desenvolvidos no sistema capitalista - sobre os aspectos sociais e políticos dos países latino-americanos, para garantir que o desenvolvimento de certos países e grupos de poder perdue.

Sob a perspectiva da Teoria da Dependência, a existência das ditaduras empresariais-militares nos países latino-americanos foram estratégias de manutenção do domínio social e da exploração econômica que são centrais para manter os países da região em dependência. Essa estratégia valeu-se, então, de todo tipo de violação de direitos e opressão social para garantir que o esquema de submissão social, político e econômico vingasse. Aliando a ideia da Teoria da Dependência Latino-Americana e do Gótico Argentino, cria-se assim a ideia do “Horror da Dependência”.

Para garantir que a América Latina continue a ser o ponto de enriquecimento de grupos de poder beneficiados historicamente pelo atual sistema econômico, o

capitalismo não mede esforços para perpetuar hierarquias sociais. Nem mesmo promover os mais absurdos horrores sociais, terrores fisiológicos e traumas coletivos para os indivíduos e sociedades desses países.

Temos, então, a dependência e seu horror, irmãos siameses, que transformam a América Latina em um solo fértil para os pesadelos e distopias. Isso se mostra através das ditaduras empresariais-militares e seus 'fantasmas' de desaparecidos. Porém, o presente também é material de pesadelo gótico em nosso subcontinente, tendo a contemporaneidade de governos fascistas-tropicais. Destacam-se o governo de Jair Bolsonaro no Brasil (2018-2022) - e sua recente tentativa de golpe de Estado, para voltar aos moldes dos governos militares de repressão - e o de Javier Milei na Argentina (2023-2027).

São desses terrores e distopias dos trópicos que surge a obra de Agustina Bazterrica.

3. ANÁLISE DE CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA LITERÁRIA: O HORROR DA DEPENDÊNCIA E A CRÍTICA SOCIAL ATRAVÉS DO GÓTICO EM *SABOROSO CADÁVER*

Agustina Bazterrica é uma mulher argentina de aproximadamente cinquenta anos, de fenótipo caucasiano e tem formação em licenciatura em Artes na Universidade de Buenos Aires, vem publicando desde 2013, com temas majoritariamente relacionados a futuros distópicos, violência contra mulher, horror social e terror físico, em diversos gêneros literários, mas principalmente no conto, novela e romance (Riera, 2024, p. 559). A partir de 2017, com a publicação de *Saboroso Cadáver*, a autora começou a ser reconhecida, recebendo prêmios como o Clarín de Novela, de grande relevância literária em seu país (idem, 2024, p. 559).

A referida obra trata-se de um distópico futuro em que os animais são atingidos por um vírus mortal e o consumo de sua carne e a convivência com eles tornam-se

inviáveis. Assim, após um pandemônio de matança interespécies e readaptação social, o caminho escolhido pelas sociedades humanas é o de apelar para o canibalismo para manter a indústria da carne viva.

Todo o aparato social do Estado é readaptado para que essa realidade seja viabilizada e naturalizada da forma mais rápida possível e com menor ruptura e danos comerciais aos grandes proprietários e chefes de Estado que se beneficiam da alimentação baseada na carne animal. A história nos é contada a partir do ponto de vista de Marcos Tejo, um homem que tem sua vida pessoal marcada pela perda de um filho e um divórcio turbulento, também funcionário de importante posição em um frigorífico na Argentina que comercializa a nova “carne especial” que tornou-se o principal elemento de consumo para a nova dieta humana global (Costa, Schneider, 2023, p. 345).

A construção dessa nova sociedade após a transição para o novo regime social dá-nos a dimensão da constituição distópica na obra de Bazterrica;

(...) Lembra-se da mesma publicidade, uma e outra vez. Uma mulher bonita, mas vestida de forma conservadora, serve o jantar para seus três filhos e seu marido. Ele olha para a câmera e diz: "Eu dou à minha família comida especial, a carne de sempre, mas mais rica". Todos sorriem e comem. O governo, o seu governo, decidiu ressignificar aquele produto. Eles apelidaram a carne humana de "carne especial". Deixou de ser apenas “carne” para se tornar “lombo especial”, “costela especial”, “rim especial”.

(...) Ele usa as palavras técnicas para se referir ao que é humano, mas nunca se tornará uma pessoa, ao que é sempre um produto. Refere-se ao número de cabeças a serem processadas, ao lote que aguarda no pátio de descarga, à linha de abate que deve respeitar um ritmo constante e ordenado, ao excremento que deve ser vendido para adubo, à área de abate. Ninguém pode chamá-los de humanos porque

CRIAÇÃO & CRÍTICA

Nº39

seria dar-lhes uma entidade, eles os chamam de produto, ou carne, ou comida. Exceto ele, que gostaria de não ter que chamá-los por nenhum nome. (Bazterrica, p. 19, 2022)

Nos parágrafos acima, podemos observar que a mudança para a nova realidade social passa por uma dinâmica de adaptação discursiva e validação do aparato estatal latino-americano, valendo-se de estratégias como a ressignificação linguística e a retirada simbólica da subjetividade humana desses novos alvos da gula social. Pesquisas recentes associam essa relação de linguagem, cultura e poder como “adequações semânticas, (...) instrumentalização da propaganda e o uso da censura para evitar contradições que possam ameaçar a estabilidade da ordem social” (Costa e Schneider, 2023, p. 348).

Casanova-Vizcaíno e Ordiz (2018, p. 7) trazem a perspectiva das diversas maneiras pelas quais o Gótico Latino-Americano circula - seja pela tropicalização, apropriação, paródia, transposição - e algumas dessas características são evidentes quando relacionamos as perspectivas do Gótico europeu com o Gótico Latino-Americano. Tally (2010, p. 6) apresenta a ideia comum na ficção Gótica estadunidense de Edgar Allan Poe do narrador torturado, cuja subjetividade se encontra adoecida, distante da redenção e em busca da sublimação do próprio sofrimento. Bazterrica constrói Tejo dentro de uma perspectiva semelhante. Ela o despe - tal qual muitos autores do gótico, incluindo Poe - de características físicas mais específicas e o constrói numa narrativa em terceira pessoa, intimista, mas ao mesmo tempo distante e fria.

As agruras da sociedade distópica em que Tejo vive e suas recentes tragédias pessoais o transformam em alguém que lastima a vida que leva, mas não tem força para mudá-la e opta por tentar vivê-la da forma mais indiferente possível. Assim, embora a subjetividade do narrador seja trespassada por certa melancolia, sua alienação e cumplicidade com o horror que o cerca o transforma em uma subjetividade alienada e cooptada pelo aparato de um Estado que legaliza o canibalismo e promove

criação & crítica

Nº39

múltiplas violências contra grupos de seres humanos considerados apropriados para se tornarem “carne especial”. De tal forma, essa subjetividade distorcida e esse narrador alinhado a um perfil de anti-herói também podem ser interpretados sobre a perspectiva teórica previamente proposta aqui, do Horror da Dependência, onde os indivíduos tornam-se assujeitados a uma realidade tão distópica e terrível que perdem a capacidade de sequer imaginar outras realidades sociais ou mesmo se revoltar. Essas pessoas - como Tejo - vivem em países tão alinhados aos interesses das grandes indústrias e do capital internacional, que disso se aproveitam para lucrar enquanto promovem uma experiência de trauma social coletivo. Ao viver tal realidade, acabam não só sendo dessensibilizados, mas muitas vezes cooptados por esse aparato estatal-financeiro pulsante em suas nações, como veremos no final da obra.

Porém, é importante apontar que, dentro ainda da lógica da conexão entre o subdesenvolvimento dependente e o domínio do capital estrangeiro para a produção do horror social, dois personagens encarnam essas forças sociais de modo quase alegórico na obra de Bazterrica. Um deles chama-se El Gringo, proprietário do frigorífico onde Tejo trabalha, e Egmont Schrey, um empresário alemão;

O Gringo é desajeitado. Ele anda como se o ar estivesse espesso demais para ele. Não mede a magnitude de seu corpo. Ele colide com as pessoas, com as coisas. Transpira. Muito. (...) O gringo o apresenta ao alemão. Egmont Schrey. Eles se cumprimentam com um aperto de mão. Egmont não encontra seus olhos. Ele está com uma calça jeans que parece ter acabado de ser comprada e uma camisa muito limpa. Sapatos brancos. Ele parece deslocado com sua camisa passada e cabelos loiros grudados em seu crânio. (...). Ele não diz uma palavra, porque sabe, e aquelas roupas, que só seriam usadas por um estrangeiro que nunca pisou no campo, o ajudam a colocar a distância exata que ele precisa para planejar o negócio. (Bazterrica, 2022, p. 28)

CRIAÇÃO & CRÍTICA

Nº39

A descrição física do Gringo e sua falta de particularidades o coloca como um elemento externo e, diferente de Tejo e sua subjetividade bem delineada pela autora, quase metafórico das forças do capital estrangeiro que atuam como proprietárias de negócios e dirigentes de decisões políticas na sociedade argentina e latino-americana. Também é descrito como tendo um corpo grande e não muito coordenado, desengonçado, que atinge aleatoriamente pessoas. Pode-se ler que a própria figura humana desse personagem o torna a caricatura - ou paródia, como sugerido por Casanova-Vizcaíno e Ordiz (2018) - dessas forças estrangeiras na América Latina. É ele também quem orienta a compra e a venda de seres humanos - 'as cabeças' - de forma prática e nada sensível para Schrey, com ajuda de Tejo. Schrey, sendo também estrangeiro, pode ser entendido como outra representação simbólica dessas forças econômicas de países desenvolvidos (no caso, a Alemanha) que vão a países dependentes para buscar lucro e manter o ciclo de subjugação político-econômica da dependência, nesse caso através da venda e da comercialização de seres humanos latino-americanos despidos da possibilidade de serem vistos como pessoas.

Dentro dessa realidade distópica, é importante destacar que também existem distinções sociais e específicas das desigualdades latino-americanas, como questões de raça e gênero, que são demarcadas nos seguintes momentos;

O gringo continua falando. Esclarece que os usos do sangue de mulheres grávidas são infinitos. Que antes o negócio não era explorado porque era ilegal. Que lhe paguem fortunas porque as de quem tira sangue, invariavelmente, acabam abortando porque ficam anêmicas. A máquina traduz. As palavras caem sobre a mesa com um peso desconcertante. (...)

Eles passam pela área onde estão as leiteiras. Eles têm máquinas que chupam seus úberes, como o Gringo os chama. "O leite que sai desses úberes é de primeira classe", ele diz à máquina e oferece um copo a eles

CRIAÇÃO & CRÍTICA

Nº39

enquanto esclarece: "Ordenhado na hora". Egmont prova (...)

— Gringo, preciso de pele negra.

— Neste momento estou negociando para me trazer um lote da África. Você não é o primeiro a me perguntar.

— Vou confirmar o número de caras depois.

— Parece que um estilista famoso lançou uma coleção com couro preto e para o próximo inverno ela explode. (Bazterrica, 2022, p. 35-38)

Vê-se aqui que a condição de ser mulher e ser negro nessa sociedade condicionam ainda mais o nível de vulnerabilidade e crueldade do uso que será dado àquele corpo. Segundo Costa e Schneider (2023, p. 351), a obra da argentina usa esses momentos para fazer paralelos às tensões sociais de gênero, raça e classe que existem na realidade atual da América Latina. Complemento essa perspectiva com mais uma possível camada teórica para a ideia do Horror da Dependência; as condições de identidades específicas relacionadas às categorias previamente expostas definem o nível de sofrimento e de exploração dentro dos países dependentes, sendo que, muitas vezes, são esses mesmos sujeitos que enfrentam piores condições de vida e que são explorados e formam mão de obra barata e exposta a condições de escravidão trabalhista, exploração sexual, tráfico humano e múltiplas formas de violência - que também geram lucro - dentro da dinâmica do capitalismo dependente latino-americano. A perspectiva do impacto dessas categorias - raça e gênero - são apresentadas a partir de importantes teóricos negros latino-americanos, tais quais Lélia González (2020, p. 20) e Daniel Serravalle de Sá (2010). González demarca o impacto da questão étnico-racial e a exploração da mão de obra feminina no contexto Latino-Americano, enquanto Sá relaciona a identidade indígena transporta por José de Alencar em *O Guarani* a construção do Gótico enquanto Tropical e a realidade social do contexto de produção da literatura brasileira

e a leitura e construção de corpos e espaços estranhos e goticizados em detrimento de certos aspectos relacionados à racialização de sujeitos na América Latina.

Particularmente, não há muitos autores marxistas dentro da Teoria da Dependência Latino-Americana que explorem em detalhes essa categoria, assim, a importância de destacá-las é ainda maior, para que possamos olhar com mais atenção a obra literária analisada - e o papel dessas categorias dentro da construção da narrativa - e também a realidade atual e como esses grupos sociais são atingidos em contextos tais quais os governos de Jair Bolsonaro e Javier Milei.

Tornando a análise da trama de Bazterrica, temos o desenvolvimento da história de Tejo marcado pela rememoração do mundo pregresso - a antiga ordem social que ele viveu -, enquanto na realidade atual ele defronta-se com seu casamento despedaçado e seu pai internado em um asilo, pouco cuidado pela irmã de Tejo e dependendo basicamente do protagonista. Ele também rememora a existência dos animais e como eles foram brutalmente perseguidos após o vírus - que parece ter tido uma origem em laboratório, talvez com um viés de controle populacional.

Porém, uma reviravolta é quando Tejo recebe uma fêmea 'pura' de sua empresa. Ele a batiza de Jasmine e a leva para morar em sua casa, tratando-a inicialmente como um animal. Porém, ele gradualmente afeiçoa-se a ela. A relação dos dois é marcada por uma complexa falta de consentimento. Jasmine não sabe falar e, embora demonstre a inteligência humana equivalente à do protagonista, Tejo não deixa de vê-la e de entendê-la como sub-humana, apesar da crítica que ele supostamente faz, de maneira interna, ao sistema no qual vive e trabalha. Costa e Schneider (2023, p. 350) lembram-nos que "(...) as palavras 'desumanizar' e 'animalizar' são corriqueiramente utilizadas enquanto sinônimos", postulando que a desumanização e a animalização são equivalentes para que, na obra, as 'cabeças' sejam vistas como produtos e não pessoas ou sujeitos com direitos.

A visão de Tejo de 'Jasmine' usa-se desses recursos de desumanizar e animalizar. Além de ter relações não-consensuais - considerando que ela não tinha

CRIAÇÃO & CRÍTICA

Nº39

letramento ou capacidade para resistir à investida sexual de seu proprietário -, quando ela engravida, ele a prende e restringe seu acesso ao espaço para que não se machuque, deixando-a acorrentada e presa no quarto, como um animal.

É o final dela, porém, que nos apresenta a real natureza do narrador e nos dá o desfecho apocalíptico para a obra;

Quando ele se acalma um pouco, ele para e agarra a cabeça dela segurando seu cabelo. Jasmine apenas move as mãos tentando abraçar o filho. Ele quer falar, gritar, mas não há sons. Ele pega a maçã que trouxe da cozinha e bate na testa dela bem no centro da marca de fogo. Jasmine cai em transe, desmaiando.

Cecília se assusta com o golpe e olha para ele sem entender. Gritos: "Por quê?! Ele poderia ter nos dado mais filhos." Enquanto arrasta o corpo da fêmea até o galpão para abatê-la, ele responde com uma voz radiante, tão branca que chega a doer: "Ela tinha o olhar humano de um animal domesticado".

O final mostra-nos que Tejo está distante de ser um sujeito passível de redenção ou que aquela sociedade possa ter alguma perspectiva de mudança social. Assim como anteriormente exposto, ele foi cooptado pela crueldade do sistema ao qual servia e torna-se um algoz de Jasmine, a quem ele assassina, sendo testemunhado por sua ex-esposa Cecília. Ela fora à casa de Tejo para ajudar Jasmine com o parto e só se manifesta contra a morte da outra porque vê a utilidade prática de que ela poderia servir como reprodutora. Até o tom da narrativa muda, a existência do nome é descartada nas últimas linhas, tornando-se 'a fêmea', apenas outra 'cabeça' que serviu para reprodução.

Jasmine termina o livro como mais um corpo aniquilado pelo Horror da Dependência, simbolicamente representado por Tejo e sua maçã.

4. CONCLUSÃO

Buscou-se através da pesquisa feita com a investigação da obra de Agustina Bazterrica, *Saboroso Cadáver*, a revisão de literatura do Gótico Latino-Americano (e argentino) e a proposição da categoria do 'Horror da Dependência' produzir uma análise que denotasse o uso para a crítica social da Literatura Gótica Latino-Americana e suas próprias expressões de horror relacionadas à realidade sócio-econômica da região.

Espera-se que a obra de Bazterrica continue a ser explorada e traduzida para o Brasil, para que seus futuros distópicos não se tornem realidade e para que o horror de sua ficção tão crua e brutal nos desperte para a criação de outra sociedade, feita de possibilidades positivas e novas formas de desenvolvimento, ao invés de pesadelos e distopias.

Referências

- BAZTERRICA, Agustina. **Saboroso Cadáver**. Tradução de Ayelén Medail. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2022.
- BOTTING, Fred; EDWARDS, Justin D. "Theorising globalgothic.". em **Globalgothic**. ed. BYRON, Glennis, Manchester UP, 2013
- COSTA, Priscilla; SCHNEIDER, Liane. "Violência e Consumo de Corpos na Distopia Saboroso Cadáver de Agustina Bazterrica.". *Odisseia*, Natal, RN, v. 8, n. esp., p. 343-362, jul.-dez. 2023
- CASANOVA-VIZCAÍNO, Sandra; ORDIZ, Inéz. "Introduction". em *Latin American Gothic in Literature and Culture*. Ed. CASANOVA-VIZCAÍNO, Sandra; ORDIZ, Inéz. Routledge Interdisciplinary Perspectives on Literature. Routledge, 2018.

criação & crítica

Nº39

GRACIOLLI, Edilson; DUARTE, Pedro. A teoria da dependência: interpretações sobre o (sub)desenvolvimento na América Latina. In: 5o. Colóquio Marx e Engels, 2007.

Anais do 5o. Colóquio Internacional Marx e Engels. Campinas, 2007. v. 1. p. 1-10.

JARDIM, Nadege; MARKENDOF, Marcio. Horrores (Des)aparecidos em "A Casa de Adela" de Mariana Enriquez. Revista Abusões. n. 20 ano 09. 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções, diálogos. Rio de Janeiro. Zahar, 2020.

HOGLE, Jerrold. "Theorizing the Gothic". em **Teaching the Gothic**. Editado por POWELL, Anna, SMITH, Andrew. Palgrave Macmillan, 2006.

RIERA, Raquel. Somos o que Comemos: Considerações Sobre os Limites entre Humano e Não-Humano em Cadáver Exquisito, de Agustina Bazterrica. Língua Literatura e Ensino, Campinas, v. XVII, 2021. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/le/article/view/6602>. Acesso em: 11 fev. 2024.

SÁ, Daniel. **Gótico Tropical: O sublime e o demoníaco em O Guarani**. EDUFBA, 2010.

SANTOS, Cristina. "Horror as Real and the Real as Horror: Ghosts of the Desaparecidos in Argentina". e-Cadernos CES [Online], 32, 2019. Acesso em 11 de fevereiro de 2024. Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/4723>.

Submetido em: 11/02/2024

Aceito em: 15/09/2024